

Imagens no século XXI: panorama, perspectivas e prospecções

CLEOMAR ROCHA
VANDERLEI VEGET LOPES JUNIOR

Tomado pelo título, *Imagery in the 21st Century*, livro editado por Oliver Grau e Thomas Veigl (The MIT Press, 2011, p. 410), certamente a expectativa criada seria uma prospecção do conjunto de imagens que vigorará, enquanto estatuto, para este novo século, que já toma ares de pouco jovial, finda a primeira década. Entretanto, ao percorrer as 410 páginas onde estão distribuídos os vinte artigos de vinte e cinco autores, organizados em quatro seções, o que se verifica é um esforço de situar os campos da imagem, em uma visada panorâmica que privilegia a abrangência desta. Não seria de estranhar, neste sentido, que imagens em arte, tecnologia, saúde, biologia, dentre outras, estejam presentes no livro.

E se o esforço revela uma preocupação de espraio da imagem e sua importância nos vários campos do conhecimento, cada capítulo busca adensar discussões pontuais, situando o leitor no leque de áreas que se abre. Há de se observar que os editores privilegiam uma orientação que talvez conflite com a expectativa criada no título, visto que ao situar o estatuto da imagem em várias áreas do conhecimento, o conjunto é mais situacional que prospectivo. E a despeito da referência ao século XXI, várias imagens apresentadas foram concebidas no século passado. Este fato é esclarecedor, se se verifica que a visada historiográfica é a abordagem eleita pelos editores. Neste sentido, o exercício histórico seria compreender o presente para, a partir dele, enxergar vetores de desenvolvimento que prefigurariam um possível futuro. É este o exercício levado a cabo, afinal.

Será preciso, todavia, enxergar que o livro anterior de Oliver Grau (*Arte Virtual: da ilusão à imersão*, Unesp/Senac-SP, 2007, p. 467), que também adota orientação historiográfica, tem outra concepção de desenvolvimento, ao estabelecer vetores a partir do relato histórico-cronológico. Já *Imagery in the*

21st Century tem como estratégia uma organização histórico-situacional, extrapolando a imagem na arte, alcançando uma cultura da visualidade.

Neste livro verificamos a premência de uma abordagem historiográfica acerca do universo da produção imagética, o que se dá na medida em que vemos perpassar, sobre os artigos que o compõem, um sentido de busca para alcançar a velocidade em cenário de gradual afirmação do tecnológico como máxima dominante. Este cenário, destacado pela descrição de trabalhos de arte digital, constantes da primeira dentre as quatro sessões do livro, interfere imediata e definitivamente na dinâmica de produção e nas propriedades intrínsecas da imagem, o que torna a palavra *transformação* inerente ao seu atual estatuto.

Diante da velocidade e da transformação, no intuito de compreender e, ao mesmo tempo, assumir a importância de preservação das produções imagéticas em arte digital, revaloriza-se o discurso historiográfico presente na obra, o qual se reflete na busca por novas perspectivas de produção de imagens, verificando suas possíveis origens, identificando similaridades com técnicas vistas no passado e, em consequência, defendendo a preservação das imagens que compõem a arte digital, “*the art of our time*”.

O desafio que se apresenta face a essa atual configuração reside no fato de que as novas tecnologias, nas quais se assentam uma grande parte da produção imagética das últimas décadas, são aplacadas por uma forte tendência à obsolescência, que é vista na própria rapidez com que o processo de prospecção tecnológica opera e se constitui. Por outro lado, é essa mesma estrutura de desenvolvimento das bases tecnológicas da imagem que nos permite traçar novas estratégias para sua análise, indexação, arquivamento e acessibilidade, como se vê, sobretudo, nos temas propostos na segunda e terceira sessões do livro por Peter Weibel, Lev Manovich e Jeremy Douglass, Martin Warnke e Oliver Grau. Como exemplo, dentre vários outros vistos no livro, temos a possibilidade oferecida pela *web* para a difusão e armazenamento da arte produzida, algo que se opõe a ideia do “museu para poucos”.

Mais que se deter à busca por práticas prospectivas inovadoras no âmbito da arte digital, como poder-se-ia interpretar em uma leitura rápida do título proposto para o trabalho “Imagens no século XXI”, os tópicos colocados em pauta pelos autores dos artigos que o compõem, denotam a importância poética que assume a reinterpretação de alguns dos meios ópticos antigos, logo o conhecimento destes, e a recontex-

tualização da arte do passado, em trabalhos que redefinem a imagem em sua dimensão histórica, o que não se opera se não houver referencial algum.

Certamente, em vista deste aspecto, de matiz histórico, reverbera no trabalho o fato de que a arte digital carece de pesquisa e documentação, reconhecida a inegável importância desse processo, o que, em sua ausência, não permitirá às novas gerações o acesso aos trabalhos que as precederam.

E não só a imagem signíca está presente no livro. Ao abordar trabalhos que criam outras esferas do sensível que não a visão, como ocorre quando Eduardo Kac apresenta sua produção, o livro alcança a feitura de uma outra ordem, o imaginário, criado a partir de intervenções diretas no mundo natural, na matéria. Igualmente, quando Sean Cubitt discorre sobre aspectos técnicos das telas de visualização, o suporte ganha *status* de objeto da visada, não exatamente as imagens que repousam nestes monitores. Christa Sommerer e Laurent Mignonneau também extrapolam a imagem visual, envolvendo a ação e o corpo próprio, ao discorrerem sobre interatividade. Este vetor da construção da imagem que ultrapassa o campo da visão reitera que a imagem não é só ilusão, assume outros postos, permitindo a imersão e a extrapolação de seu sentido, de sua importância no contemporâneo, sua nova conformação social, como apontam os editores já no texto introdutório.

O fenômeno, a base crítica, as novas ferramentas e os códigos das imagens - como são organizados os textos do livro - revelam o que talvez a imagem de capa já o faz: estamos envolvidos em um novo capítulo da imagem, que nos absorve e nos sonda em configurações absolutamente novas. “E aquele que sonda os corações, sabe qual é a mente do espírito” (Romanos, 8:27). Se o texto bíblico tem razão, a imagem, no século XXI, saberá o que vai pelo espírito do contemporâneo, e do que há de vir nas próximas décadas.

Referências

- GRAU, Oliver. *Arte Virtual: da ilusão à imersão*. Tradução de Cristina Pescador, Flávia Gisele Saretta e Jussânia Costamilan. São Paulo: UNESP / SENAC-SP, 2007. p. 467.
- GRAU, Oliver; VEIGL, Thomas (Eds.). *Imagery in the 21st Century*. Cambridge: The MIT Press, 2011. p. 410.

Recebido em: 16/02/12

Aceito em: 02/03/12

CLEOMAR ROCHA (FAV/UFG)

cleomarrocha@gmail.com

Professor do PPG em Arte e Cultura Visual - FAV - UFG, pós-doutor em Estudos Culturais (UFRJ), pós-doutor em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC-SP) e doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Coordenador do Laboratório de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Mídias Interativas - Media Lab UFG - e do Laboratório de Investigação em Mídias Eletrônicas - LIME - FAV - UFG. Artista e pesquisador.

VANDERLEI VEGET LOPES JUNIOR (FAV/UFG)

vanderveget@hotmail.com

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás. Atua no desenvolvimento de atividades de pesquisa no Laboratório de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Mídias Interativas – Media Lab - UFG, coordenado pelo Prof. Dr. Cleomar de Sousa Rocha.